

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

ANNA KLARA SILVA DE SOUSA

**DESAMPARO APRENDIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

ARAGUAÍNA

2021

ANNA KLARA SILVA DE SOUSA

**DESAMPARO APRENDIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à
obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Profº Me. Pedro Henrique Carvalho

ARAGUAÍNA

2021

ANNA KLARA SILVA DE SOUSA

**DESAMPARO APRENDIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel de Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovado em sua forma final em: ___ de _____ de 2021.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

Profª Me. Pedro Henrique Carvalho
Orientador

Profº Me. Haleks Marques Silva
Examinador

Profº Me. Gilson Gomes Coelho
Examinador

DESAMPARO APRENDIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

LEARNED HELPLESSNESS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A VIEW OF BEHAVIOR ANALYSIS

Anna Klara Silva de Sousa¹

Pedro Henrique Carvalho (Or.)²

RESUMO

Conceitualmente o desamparo aprendido é útil para estudos sobre o comportamento humano, pois ajuda a investigar e explicar casos de pacientes que possuem problemas de saúde. Relacionado os estudos sobre o desamparo aprendido s para investigar as patologias como a depressão. O problema de pesquisa diz respeito aos comportamentos indesejados apresentados por estudantes de ensino médio que podem ter sido desencadeados por questões relacionadas ao desamparo aprendido e tem como objetivo detectar se o desamparo aprendido pode influenciar em comportamentos ou patologias, desencadeados por processos que afetam a vivência escolar. Esse problema gera transtornos que atingem diversas esferas do setor educacional e limitam o potencial da escola de agir enquanto instituição que forma pessoas e cidadãos.

Palavras-chave: Desamparo aprendido. Comportamento-problema. Ambiente escolar.

ABSTRACT

Conceptually learned helplessness is useful for studies on human behavior, as it helps to investigate and explain cases of patients who have health problems. Related studies on helplessness learned only to investigate pathologies such as depression. The research problem concerns the unwanted behaviors presented by high school students that may have been triggered by issues related to learned helplessness and aims to detect whether learned helplessness can influence behaviors or pathologies, triggered by processes that affect school experience. This problem generates disorders that affect different spheres of the educational sector and limit the school's potential to act as an institution that trains people and citizens.

Keyword: Helplessness learned. Problem behavior. School environment.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione.

² Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016). Mestre em Psicologia, com ênfase em Análise e Evolução do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2019). Professor da Faculdade Católica Dom Orione.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de desamparo aprendido tem sido útil para estudos sobre o comportamento humano, especialmente porque ajuda a investigar e explicar casos de pacientes que possuem problemas de saúde relacionados a questões comportamentais. Segundo Hunziker (2005 *apud* FERREIRA; TOURINHO, 2013), “a definição oferecida na Análise do Comportamento para o desamparo aprendido remete à dificuldade de aprendizagem encontrada em indivíduos previamente expostos a estímulos aversivos incontroláveis”.

O pioneiro nos estudos dessa área foi o psicólogo americano Martin Seligman, e as primeiras publicações são da década de 1960, de Overmier e Seligman (1967) e Seligman e Maier (1967). Seligman fez sua primeira experiência na área observando o comportamento de seus cães numa situação elaborada por ele.

O psicólogo separou dois grupos de cães em duas jaulas onde os animais sofriam pequenos choques. Na primeira jaula os cães ficavam expostos aos choques sem que eles pudessem fazer algo para escapar, já na segunda jaula, os cães estavam expostos ao mesmo incômodo, porém eles tinham acesso a um recurso que desligava o sistema de choques. Enquanto um grupo tinha de se acostumar com os choques, o outro tinha a opção de escapar.

Após condicionar os animais a essa situação durante algum tempo, Seligman os mudou de local, onde eles continuavam expostos aos choques, mas tinham a possibilidade de pular e escapar da jaula. O resultado foi que mesmo que os dois grupos pudessem escapar, apenas os cães do grupo que inicialmente teve a possibilidade de desligar os choques fugiram da jaula. Isso mostra que o grupo que não podia evitar os choques, e teve de se acostumar com eles, se acomodou mesmo diante de uma possibilidade de escapar da situação de incômodo. Seligman e Maier (1967 *apud* FERREIRA; TOURINHO, 2013, p. 2011-212) descrevem o procedimento de investigação do desamparo aprendido compreendendo que esse é da seguinte forma:

Elaborado originalmente por Seligman e Maier (1967), o delineamento experimental clássico na investigação do desamparo compreende três grupos: controlável, incontrolável (ou acoplado) e neutro. Na primeira fase, os dois primeiros grupos são expostos, em pares, a um estímulo com função aversiva. Para um sujeito da díade (grupo controlável), o estímulo pode ser interrompido quando da emissão de uma resposta pré-selecionada, enquanto

para o outro (grupo acoplado), a apresentação do estímulo não mantém relação de contingência com suas respostas, sendo interrompida conforme o desempenho de seu par correspondente no grupo controlável. Os sujeitos do grupo neutro não são expostos ao estímulo. Na fase de teste, os três grupos são expostos a uma contingência de fuga. Verifica-se o efeito de desamparo aprendido quando os sujeitos previamente expostos à estimulação incontrolável apresentam dificuldade de aprendizagem, em comparação aos outros dois grupos.

Hunziker (1997, p. 18-19) expressa a questão sobre o desamparo aprendido da seguinte forma:

Se o controle do ambiente permite a construção de um repertório comportamental adaptativo, qual a consequência para o indivíduo do seu contato com eventos ambientais incontroláveis? Essa é a questão subjacente aos estudos sobre o desamparo aprendido.

Em relação ao comportamento humano, os estudos sobre o desamparo aprendido são importantes para investigar questões relacionadas a patologias como a depressão, embora a área ainda precise de novos experimentos e mais estudos para que os resultados tenham maior rigor científico. Este projeto tem a intenção de planejar um trabalho voltado para essa teoria e contribuir com as bibliografias já produzidas.

O comportamento, de acordo com a Análise do Comportamento, é entendido como um evento produto de uma interação recíproca com o ambiente. Mas essa definição simples pode ser enganosa (TODOROV, 2012). Moore (2008) acrescenta dizendo que o comportamento tem propriedades que ressaltam certas relações funcionais entre aspectos do comportamento e aspectos do ambiente.

Skinner (1998) em sua obra *Ciência e Comportamento Humano*, deixa evidente a complexidade de descrever e analisar o comportamento humano, devendo ser marcada pela presença dos estudos experimentais, estudando as variáveis que controlam o modo de como os organismos se comportam, considerando qualquer condição ou evento que tenha algum efeito demonstrável. E o autor considera alguns preceitos básicos para a compreensão do comportamento, primeiro, em constante transformação; em segundo, é essencialmente variado, existe uma resposta para cada comportamento e não é igual a nenhum outro, o próximo diz respeito às unidades selecionadas pela eficiência de lidar com o mundo e por último, não pode ser entendido sem referência do ambiente em que ocorre.

Percebendo a complexidade e a amplitude que um comportamento tem, faz-se necessário um olhar cuidadoso a esse fenômeno comportamental que tem gerado problemas nas escolas e sala de aula. E muitas das vezes a falta de preparo dos professores e coordenadores e por não haver um profissional da psicologia para fazer uma psicoeducação com tais profissionais, preparando-os para lidar com o desinteresse dos alunos e a falta de motivação dos alunos. O psicólogo nesse campo é de fundamental importância, pois ele pode auxiliar os professores e coordenação dando direções que minimizem tais comportamentos, ajudando a promover motivação nos alunos e ajudando os professores a buscarem métodos de facilitar ensino aprendido na sala de aula.

O problema da pesquisa diz respeito aos comportamentos indesejados que são apresentados por estudantes que podem ter sido desencadeados por questões relacionadas ao desamparo aprendido. Sendo assim, investigar essas questões para compreender se foram de fato desencadeadas por desamparo aprendido, tudo isso é importante para que se possa pensar sobre possíveis soluções para esses comportamentos. Tendo em vista essas problemáticas, o presente trabalho tem por objetivo identificar comportamentos atípicos ou de transtornos depressivos relacionados ao desamparo aprendido, verificar como que a Análise do Comportamento pode contribuir para melhorar esse problema e analisar as consequências dos problemas de depressão ou comportamentais na vivência escolar.

2 JUSTIFICATIVA

Atualmente, não são raros os casos de comportamentos indesejados por parte de estudantes no ambiente escolar. Esse problema gera transtornos que atingem diversas esferas do setor educacional e limitam o potencial da escola de agir enquanto instituição que forma pessoas e cidadãos. Não só o professor é prejudicado com esses comportamentos, mas o próprio aluno, a turma na qual ele está inserido e a escola, que por vezes precisa arcar com prejuízos materiais decorrentes desses comportamentos, ou então dispensa tempo para resolver questões relacionadas a esses problemas.

Segundo dados do último relatório TALIS (“Teaching and Learning

International Survey”, ou “Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem”, em português), entre os educadores de 23 países, o professor brasileiro é o que mais perde tempo de aula para pôr ordem na classe – cerca de 17% do tempo, enquanto a média mundial é de 13% (BRASIL, 2019). Esse tempo perdido é consequência dos comportamentos indesejados dos alunos, que são mobilizados por uma série de fatores, sendo que muitos deles têm relação com conflitos vividos pelos alunos em diversos momentos de suas vidas, é preciso, então, para propor soluções, investigar esses conflitos.

Não há como propor alternativas simples para um problema complexo, e as questões relacionadas aos comportamentos indesejados em sala de aula são complexas por diversos motivos. Segundo Cláudio Neto (2019, p. 03), o Brasil aparece no topo do ranking da indisciplina escolar, e “os estudos sobre essa temática informam que não existe uma única maneira de prevenir ou minimizar a indisciplina na sala de aula”. O mesmo autor lembra que, se por um lado os alunos não sabem se comportar, por outro, os professores não são treinados para lidarem com a indisciplina, uma vez que os cursos de licenciatura focam mais nos conteúdos a serem ensinados e pouco abordam outras questões que se circunscrevem ao ambiente escolar, por fim, punir severamente não gera resultados (CLÁUDIO NETO, 2019).

8

Para combater os comportamentos indesejados em sala de aula não devemos usar a punição, pois gera resultados somente a curto prazo. É preciso entender o que gera esses comportamentos e então buscar alternativas mais eficazes para saná-los. Uma via importante para a compreensão e resolução dessas realidades em sala de aula é justamente a psicologia, que busca não apenas a solução do problema, mas averiguar as questões por trás do problema, solucionando-o de forma mais definitiva e menos paliativa.

Dessa forma, a pesquisa aqui proposta justifica-se pela intenção de contribuir com a discussão sobre os comportamentos indesejados em sala de aula, recorrendo à psicologia como ferramenta para investigar e sanar problemas relacionados ao tema proposto, ou seja, no que concerne às questões relacionadas ao desamparo aprendido.

3 MÉTODO

Esta pesquisa apresenta um estudo bibliográfico, com um delineamento qualitativo e exploratório de pesquisa, tendo como objetivo reunir informações e dados existentes sobre o fenômeno estudado. Buscando identificar se há bases suficientes para poder analisar o desamparo aprendido nas salas de aula. Tem como foco proporcionar mais familiaridade com o problema levantado apresentando leitura já publicadas nos meios de pesquisa científica.

No caso específico desse estudo será utilizado o método indução que é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (MARCONI; LAKATOS, 2003).

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica para o tema proposto envolve, primeiro, estudos voltados para a psicologia, sobretudo os que tratam sobre o desamparo aprendido e, segundo, estudos que tratam sobre a indisciplina em sala de aula. As fontes são provenientes de textos publicados em revistas acadêmicas e periódicos. Para tratar

9

sobre o desamparo aprendido, serão considerados trabalhos como os de Hunziker, Manfré e Yamada (2016), Ferreira e Tourinho (2013); Fonseca Junior, Pickart e Castelli (2011), Porto *et al.* (2011) e Abreu (2011). Em relação à indisciplina na escola, que também diz respeito aos comportamentos indesejados dos jovens, serão usadas

referências como Garcia (1999), Caldeira e Rego (2001) e Aquino (2005).

Utilizaremos Ferreira e Tourinho (2013) como fonte que retoma outros textos importantes sobre o desamparo aprendido, pois os autores fazem um estudo que envolve os conceitos de desamparo aprendido, de incontrolabilidade e de depressão, segundo esses autores,

A mesma literatura que apresenta o desamparo aprendido como modelo analítico-comportamental da depressão sugere que esse padrão de comportamento resulta de uma experiência de incontrolabilidade do ambiente

O conceito de incontrolabilidade é muito útil para os estudos sobre o desamparo aprendido, uma vez que trata da incapacidade do indivíduo de modificar, por meio de suas escolhas, as circunstâncias aversivas do ambiente em que se encontra. Os comportamentos de uma pessoa são construídos através de suas vivências, que podem torná-la mais disposta a enfrentar e a lidar com as circunstâncias que aparecem, ou fazê-la vulnerável a um sentimento de apatia e desesperança. Sendo assim, essa situação de incontrolabilidade pode ser responsável por desenvolver patologias, comportamentos indesejados em jovens e tendências depressivas.

Segundo Porto *et al.* (2011, p. 338),

Estudos experimentais têm demonstrado que, no desenvolvimento de repertórios comportamentais, um processo de aprendizagem pode ser substancialmente afetado por uma história de incontrolabilidade a estímulos aversivos. Por exemplo, um organismo exposto a estímulos aversivos sobre os quais não exerce qualquer controle pode apresentar dificuldades futuras de eliminar ou evitar estímulos aversivos, ainda que esteja sob condições passíveis de controle.

Conforme apontado por Porto *et al.* (2011), os indivíduos podem ter sua aprendizagem comprometida por passarem por um histórico de circunstâncias aversivas sobre as quais não tinham controle. Essa noção é importante para que se possa compreender o comportamento indesejado que alguns adolescentes apresentam na escola. Em muitos casos, por ter vivenciado situações que envolviam

10

a incontrolabilidade de circunstâncias aversivas, esses adolescentes desenvolveram bloqueios relacionados à aprendizagem, e por não saberem lidar com esses bloqueios, eles revelam certos comportamentos como forma de fuga. Cabe também lembrar que muitas vezes a própria escola pode ser um ambiente que gera bloqueios e que proporciona a incontrolabilidade de estímulos aversivos. Por isso, para resolver problemas relacionados à indisciplina, por exemplo, é preciso uma ação ampla e profunda, que não trate a questão de forma superficial.

Hunziker, Manfré e Yamada (2016, p. 53) aponta que, da mesma forma que a incontrolabilidade de situações adversas gera desamparo aprendido, também é possível fazer o processo contrário, ou seja, “o reforçamento positivo da variação ou

da repetição pode imunizar o sujeito contra o desamparo aprendido”. O experimento feito por Hunziker, Manfré e Yamada (2016) dividiu ratos em três grupos, sendo que dois deles foram submetidos a dez sessões de reforçamento positivo e um dos grupos não obteve esse tratamento, em seguida, conforme afirmam os autores, o experimento científico ocorreu da seguinte forma:

Cada grupo foi subdividido em três, expostos a choques controláveis, incontroláveis ou nenhum choque, e posteriormente testados sob uma contingência de fuga. Os animais expostos apenas a choques incontroláveis apresentaram dificuldade de fuga (desamparo aprendido), enquanto os demais aprenderam normalmente essa resposta; os sujeitos submetidos ao reforçamento positivo antes dos choques incontroláveis não apresentaram dificuldade de aprendizagem de fuga (efeito de imunização), independentemente do padrão reforçado: variar ou a repetir. Esses resultados sugerem que o reforçamento positivo pode imunizar os sujeitos contra o desamparo aprendido, quer seja contingente à variação ou à repetição comportamental (HUNZIKER; MANFRÉ; YAMADA, 2016, p. 53).

Tem-se então a possibilidade de gerar, em vez de desamparo aprendido, uma situação oposta, a de imunização ao desamparo por meio de reforçamento positivo, conforme apontado pelos autores, “é possível obter efeito de imunização com reforçamento positivo, quer o sujeito tenha sido reforçado por variar ou por repetir sequências comportamentais” (HUNZIKER; MANFRÉ; YAMADA, 2016, p. 65). Essa descoberta pode ser considerada nos estudos da psicologia aplicados a humanos para tratar de questões comportamentais. Se considerarmos que o reforçamento positivo pode fazer o indivíduo resistir ao desamparo aprendido, é preciso pensar em possibilidades de reforçar esse tipo de imunização ao desamparo na escola, como meio de fortalecer a constituição psíquica dos alunos e prevenir patologias da mente e comportamentos indesejados.

11

É preciso ainda apontar que, embora traga resultados muito importantes para o avanço dos estudos sobre desamparo aprendido, o estudo realizado por Hunziker *et al.* (2006) utilizou ratos na investigação, fazendo com que ainda haja uma lacuna em relação a esse tipo de experimento com humanos. O texto de Fonseca Junior, Pickart e Castelli (2011) é importante para explicar sobre o desamparo aprendido em seres humanos e não humanos, focalizando o fato de que investigar essa questão em humanos é algo muito mais complexo, segundo os autores,

São necessários alguns cuidados com características específicas na

elaboração de delineamentos que pretendem estudar o desamparo aprendido em humanos, principalmente no que tange às características do estímulo aversivo a ser empregado na fase de tratamento, à tarefa utilizada na fase de teste e à condição de incontrolabilidade, as quais exercem papel fundamental na produção do fenômeno (FONSECA JUNIOR; PICKART; CASTELLI, 2011, p. 47).

Abreu (2011), assim como Ferreira e Tourinho (2013), liga o desamparo aprendido ao modelo comportamental da depressão, exemplificando isso com o caso de uma criança que precisa se esforçar muito para conseguir alguma atenção dos pais, o que poderia gerar “comportamentos como o de queixa crônica (quando encobertos são referidos como ruminatórias), passividade, irritabilidade, choro, agitação motora, ideações e tentativas de suicídio, tristeza, dentre outros” (ABREU, 2011, p. 790). Essa criança poderia, inclusive, segundo Abreu (2011, p. 790), “começar a se isolar no quarto, deixando de interagir com os amigos ou participar de atividades na escola”. Dessa forma, pode-se ligar comportamentos indesejados de crianças e adolescentes com eventos acontecidos na relação deles com os familiares, o que pode ser fator de desencadeamento de processos de desamparo aprendido.

Sobre a indisciplina em sala de aula, o texto de Garcia (1999) é útil para esclarecer algumas questões sobre o tema. Para esse autor, “as expectativas da escola devem refletir não uma disposição autoritária, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola” (GARCIA, 1999), sendo assim, a indisciplina precisa ser tratada não só como comportamento a ser eliminado de modo hierárquico e vertical, é necessário buscar mudanças não só do aluno, mas também nas práticas pedagógicas e nos procedimentos escolares como um todo. Além disso, Garcia (1999, p. 102) afirma que:

é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

Segundo Caldeira e Rego (2001), é preciso considerar toda a conjuntura atual em que se envolve a escola para que se possa enfrentar os problemas com a indisciplina, para os autores “as dificuldades e os dilemas que professores e alunos

enfrentam, e a necessidade, por vezes urgente, de os superar, têm criado a ideia generalizada de que 'a escola está em crise' (CALDEIRA; REGO, 2001, p. 77). Essa ideia faz com que um sentimento de desesperança seja cativado, principalmente por profissionais da educação, levando a um ciclo de desmotivação que atinge também os alunos, estes, por sua vez, movimentam o ciclo revelando condutas e comportamentos indesejados. Por outro lado,

a indisciplina escolar enquanto fenômeno não é novo nem recente. A atenção que tem despertado na sociedade contemporânea é resultante, apenas, da intensificação de dois vetores: o da frequência e o da visibilidade. Com efeito, a repetição amiudada e a evidência de atos perturbadores do processo pedagógico que, no limite, visam o professor na sua pessoa e na sua autoridade tornam este tema atual e central, tanto ao nível das preocupações docentes como da investigação em Psicologia da Educação (CALDEIRA; REGO, 2001, p. 78).

Sendo assim, a solução do problema da indisciplina, que envolve os comportamentos indesejados, é uma realidade complexa que precisa ser pensada por diversos ângulos, um desses ângulos pode ser o da psicologia, que pode levar ricas contribuições à área da educação. Aquino (2005), em seu estudo sobre a indisciplina, aponta que os efeitos dessa realidade são trágicos: “desinteresse, desmotivação, baixo desempenho, fracasso, conflitos interpessoais, violência de múltiplas ordens”, sendo necessária, portanto, uma ação cautelosa para sanar essas questões. Um estudo sobre o histórico familiar dos alunos e as causas que os levam a comportamentos indesejados, causas essas que também podem estar presentes na escola, é uma solução adequada para buscar a resolução dessa problemática.

Para ampliar a compreensão desse fenômeno é necessário falar sobre os níveis de seleção pelas consequências formulado por Skinner, designando que comportamento são características funcionais que facilitam o intercâmbio entre o organismo e o ambiente. Então o comportamento não pode ser entendido meramente

13

como uma aquisição genética e o ambiente teria influências limitadas. A partir disso o comportamento funcionaria apropriadamente apenas em condições em que o organismo já foi selecionado. Com a evolução dos comportamentos e da ciência, foi possível analisar dois processos de desenvolvimento dos organismos em meio a presença de um ambiente novo. O primeiro a) condicionamento respondente

(pavloviano) o segundo b) condicionamento operante (SKINNER, 2007). Os níveis de seleção são divididos como, Filogenético, Ontogenético e Cultural, o primeiro refere-se ao desenvolvimento do comportamento natural da espécie durante todo o tempo de vida, respostas inatas do organismo que estão ligadas à sobrevivência. O segundo está relacionado ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de formas mais adaptadas do comportamento durante sua vivência com o ambiente e as respostas dessa vivência são operantes. O terceiro refere-se ao desenvolvimento e manutenção de práticas sociais durante o tempo de vida em grupo, variando de acordo com o momento histórico podendo durar por gerações (MOORE, 2017).

Skinner (1998) apresenta a definição de educação segundo a Análise do Comportamento, como o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo no futuro. Ou seja, arranjar contingências para que eles ocorram e se mantenham no repertório das pessoas. O valor ético da educação é a sobrevivência do grupo (a cultura). Estando associado a produção de liberdade, dignidade e qualidade de vida. Com isso a escola tem o papel fundamental de orientar comportamentos significativos para o futuro e isso envolve ensinar, autocontrole, resolução de problemas e tomada de decisão (HENKLAIN; CARMO, 2013).

Reconhecendo a amplitude da dimensão social como processo de desenvolvimento e aprendizagem, coloca-se em evidência a importância da interação social e da comunicação na construção do conhecimento e da subjetividade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1998). Por fim, Catania (1999) apresenta que aprendizagem diz respeito a conquista ou o processo no qual se adquire certo comportamento, tratando de uma mudança relativamente permanente naquilo que a pessoa é capaz de fazer ou como é capaz de fazer.

De acordo com Silva e Mendes (2012) uma das demandas mais importantes de professores e educadores da Educação Especial é de como lidar com classes diversificadas e em particular com alunos com comportamentos problemáticos. Muitos professores se queixam da indisciplina dos alunos, do descaso das famílias, e se

declaram desamparados por não saberem como lidar com situações envolvendo problemas comportamentais. Os problemas comportamentais no que lhe concerne podem interferir não só no aprendizado acadêmico, mas no desenvolvimento global

dos estudantes.

Henklain e Carmo (2003) discorrem sobre o tema e afirmam que a Análise do Comportamento tendo o Behaviorismo Radical como filosofia pode contribuir muito para a educação e divide essa contribuição em três categorias; 1) influência da própria filosofia, 2) a forma como a Análise do Comportamento interpreta certos problemas educacionais e 3) está diretamente ligada às propostas sistematizadas de ensino de base comportamental. Nessa visão, nem o ser humano nem o mundo são absolutos, mas são interdependentes.

Explicações do comportamento que apelam para constructos hipotéticos ou em metáforas e que não avançam na identificação das variáveis das quais o comportamento é função podem encobrir os motivos verdadeiros do fracasso ou o desinteresse do aluno. Deve ter o cuidado de colocar no aluno a causa desses comportamentos, a motivação não está intrínseca ao aluno, depende também das variáveis ambientais (HENKLAIN; CARMO, 2003).

O ensinar exige planejamento e tomada de decisões. Em primeiro lugar é necessário identificar e descrever com clareza e precisão o que será ensinado, em termos da Análise do Comportamento, isso quer dizer, especificar os comportamentos que o aluno deve ser capaz de apresentar ao longo do ensino e os critérios que serão utilizados para atestar que o aluno realmente aprendeu. Denominado de comportamento-objetivo (KUBO; BOTOMÉ, 2001). Tal termo indica que o ensino deve ser planejado com base na definição de comportamentos que farão parte dos objetivos a serem alcançados através do ensino.

Assim, é necessário que o psicólogo na escola esteja preparado para fazer o manejo dessas situações, pois a escola é a maior instituição de socialização, e a tomada de consciência desse fato torna importante a consideração desse ambiente sob todos os aspectos, tanto nos problemas dos alunos tanto da aprendizagem, as emoções, competência social, seja elas sob os professores e suas interações no próprio ambiente escolar-alunos e sistema de ensino (VASCONCELOS, 2001). Muitas das dificuldades, desadaptação, problemas emocionais e de aprendizagem, decorrem por grande parte do ambiente familiar, onde as contingências são inadequadas como

interação social e aceitação de normas e regras, e outra parte vem da exigência escolar que não considera as diferenças individuais (HUBNER; MARINOTTI, 2000).

Como proposta de intervenção dos problemas emocionais dentro nas escolas, as autoras sugerem o atendimento psicoeducacional. Esse atendimento consiste a princípio em construir com a criança um repertório mais funcional, fazendo uma relação entre seus níveis de desempenho atual e a exigência escolar. Incluindo uma intervenção emocional com a criança, de modo a verificar as causas de seu comportamento e quais eventos podem estar relacionados com a manutenção dos sintomas e sugere também uma intervenção voltada para o conteúdo pedagógico no qual a criança está submetida, modificando e adaptando esse conteúdo para ficar mais atraente para o aluno.

Fonseca (1995) ressalta a importância de um investimento qualitativo na capacitação e formação dos professores para aprenderem a lidar com alunos que apresentam algum tipo de comportamento disfuncional, isso seria uma solução para a diminuição de grande parte dos problemas enfrentados pelas escolas atuais. Sobre a depressão e suas manifestações na escola, é demonstrado por uma redução de reforçamento e impede a criança de investir em novas estratégias para lidar com o problema, e a depressão está ligada com competência social e que, de modo geral, esses alunos são avaliados pelos seus colegas e professores como menos populares, menos interativos, menos assertivos e tendem ao isolamento. Essa situação se dificulta para o professor, para diferenciar comportamento depressivo de outras dificuldades escolares. Se é sugerido um investimento em pesquisas que desenvolvam procedimentos possíveis de serem utilizados por professores em contexto escolar e que visem uma melhora do desempenho dos alunos e dos próprios professores (VASCONCELOS, 2001).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desamparo aprendido tem interferido no processo de educação de muitos alunos, atualmente, contingências mal estabelecidas, falta de reforço para os alunos, em casa ou no ambiente escolar o que acaba gerando problemas para todos os envolvidos nessa relação. A aprendizagem se torna prejudicada, podendo haver evasão do ambiente escolar, punição para aqueles que não cumprem as exigências

e todo o planejamento dos professores não cumprem com seu papel e acaba frustrando também os professores.

Entender como esses processos são formados facilitam o planejamento, a previsão e controle da situação e do ambiente que se encontra. Observar como as relações se dão dentro e fora de sala pode ajudar a perceber variáveis que interferem no ensino aprendizagem. Auxilia a entender os motivos do desinteresse e da desmotivação dos alunos. Essas estratégias podem ser adquiridas ou aprimoradas com auxílio do profissional de psicologia, principalmente o analista do comportamento que ajudará a prever e controlar as situações em sala, ajudará a observar as contingências que influenciam e tentar manipular de forma que favoreça o ensino e motive os alunos a aprenderem.

REFERÊNCIAS

ABREU, P. R. Novas relações entre as interpretações funcionais do desamparo aprendido e do modelo comportamental de depressão. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 788-797, 2011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000400020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2020.

AQUINO, J. G. **Jovens “indisciplinados” na escola**: quem são? Como agem? 2005. Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100002&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 05 dez. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatórios OCDE/Talis 2018**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/talis/resultados>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CALDEIRA, S. N.; REGO, I. E. Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 76-96, abr. 2001. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2001000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 dez. 2020.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre (RS): Artmed, 1999.

17

CLÁUDIO NETO. Castigo e disciplina dos alunos: como fugir da punição como forma de ensinar um bom comportamento? **Revista Nova Escola**, 07 out. 2019. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2275/castigo-e-disciplina-dos-alunos-como-fugir-do-recurso-da-punicao-como-forma-de-ensinar-as-pessoas-um-bom-comportamento>. Acesso em: 30 nov. 2020.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Desenvolvimento interpessoal e educação

escolar: o enfoque das habilidades sociais. **Temas em psicologia**, v. 6, n. 3, p. 205-215, 1998.

FERREIRA, D. C.; TOURINHO, E. Z. Desamparo aprendido e incontrolabilidade: relevância para uma abordagem analítico-comportamental da depressão. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 29, n. 2, p. 211-219, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 dez. 2020.

FONSECA JUNIOR, A. R.; PICKART, T. I. M.; CASTELLI, M. C. Z. Implicações metodológicas para o estudo do desamparo aprendido em humanos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 46-52, 2011. Disponível em: <https://revistaperspectivas.emnuvens.com.br/perspectivas/article/view/51>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FONSECA, V. **Educação especial**: programa de estimulação precoce: uma introdução as ideias de Feuerstein. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1995.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, 1999. Disponível em:

http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4813435.pdf&hl=ptBR&sa=X&ei=4MnLX6qyPMaOmgGFnLWIDg&scisig=AAGBfm2T2kuoOlf91JatyQVKI_Pv5fEPcw&nossl=1&oi=scholar. Acesso em: 05 dez. 2020.

HENKLAIN, M. H. O.; CARMO, J. S. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cad. Pesqui.**, v. 43, n. 149, p. 704-723, 2003.

HÜBNER, M. M.; MARINOTTI, M. Crianças com problemas de desenvolvimento. *In*: SILVARES, E.F.M. (Org.). **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil**. Campinas: Papyrus, 2000. v. 2.

HUNZIKER, M. H. L. Um olhar crítico sobre o estudo do desamparo aprendido. **Estud. psicol.** Campinas, v. 14, n. 3, p. 17-26, 1997.

HUNZIKER, M. H. L.; MANFRÉ, F. N.; YAMADA, M. T. Reforçamento positivo da variabilidade e da repetição imuniza contra o desamparo aprendido. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/802/1113>. Acesso em: 08 dez. 2020.

18

KUBO, Olga; BOTOMÉ, Silvio P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação**, Curitiba, n. 5, p. 123-132, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOORE, J. **Conceptual foundations of radical behaviorism**. Cornwall-on-Hudson:

Sloan Publishing, 2008.

MOORE, J. Seleção comportamental por consequências. **Revista Brasileira De Análise Do Comportamento**, v. 13, n. 2, p. 48-56, 2017.

OVERMIER J. B.; SELIGMAN, M. E. P. Effects of inescapable shock upon subsequent escape and avoidance learning. **Journal of Comparative and Physiological Psychology**, n. 63, p. 23-33, 1967.

PORTO, T. H. *et al.* Efeitos da exposição a estímulos aversivos e apetitivos incontroláveis sobre o comportamento verbal em contingências de reforço positivo. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 337-343, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 dez. 2020.

SELIGMAN, M. E. P.; MAIER, S. F. Failure to escape traumatic shock. **Journal of Experimental Psychology**, n. 74, p. 1-9, 1967.

SILVA, A. M.; MENDES, E. G. Psicologia e inclusão escolar: novas possibilidades de intervir preventivamente sobre problemas comportamentais. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 18, n.1, p. 53-70, 2012.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SKINNER, B. F. Seleção pelas consequências. **Revista Brasileira de Terapia comportamental cognitiva**, v. 9 n. 1, p. 129-137, 2007.

TODOROV, J. C. Sobre uma definição de comportamento. **Perspectivas**, v. 3, n.1, p. 32-37, 2012.

VASCONCELOS, L. A. Terapia Analítico-comportamental Infantil: Alguns pontos para reflexão. *In*: H. J. GUILHARDI, M. B. B. P. *et al.* (orgs.). **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade Santo André (SP): ESETec, 2001. v. 7.